

A UNIDADE LEXICAL NO DISCURSO ETNOLITERÁRIO

Maria Margarida de Andrade (U P M)
guida17@hotmail.com

1. Introdução

Tem este trabalho o objetivo de analisar a unidade lexical do discurso etnoliterário, contudo, para alcançar este objetivo, torna-se necessário localizar a etnoliteratura no conjunto das ciências que estudam o Homem e suas relações com o seu Universo antropocultural. Nesse percurso, serão apontadas as relações da etnoterminologia com outras disciplinas afins, destacando-se a etnoliteratura e seus discursos. Uma ligeira referência aos universos de discursos introduzirá a análise dos discursos literário e etnoliterário, para, no final, discutir-se o estatuto da unidade lexical nesses tipos de discursos. Para tanto, serão analisados os conceitos de *vocabulo* e *termo*, com referência obrigatória aos processos de terminologização e vocabularização. Só então será possível caracterizar o discurso etnoliterário e a sua unidade lexical, com base nos argumentos suscitados pelo raciocínio lógico dedutivo.

2. Relações da etnoterminologia com outras disciplinas

O objeto da etnoterminologia são os discursos etnoliterários, considerados por Greimas (1976, p. 3) discursos figurativos (folclore, mitologia, literatura), que, por sua vez, remetem à Antropologia: “ciência do homem no sentido lato, que engloba origens, evolução, desenvolvimento físico, material e cultural, fisiologia, psicologia, características sociais, crenças etc. (...) Antropologia cultural é o estudo da cultura, servindo-se dos dados das outras ciências: arqueologia, etnologia, etnografia, linguística, economia etc. (HOUAISS, 2001, p. 240).

A etnoliteratura, bem como a etnoterminologia constituem subáreas da Etnolinguística, conjunto de disciplinas que estuda a linguagem em seu contexto social e as relações entre linguagem e os demais aspectos da sociedade e da cultura. (FERREIRA, 1999, p.

849). A etnoterminologia, subárea da terminologia, inclui-se entre as disciplinas da lexicologia. A etnolinguística constituiu-se o lugar de encontro entre etnólogos e semioticistas que, indo além da descrição das línguas naturais exóticas, se interessou, desde a origem, por suas particularidades semânticas. No vasto domínio da sociosemiótica, destaca-se a etnossemiótica, que detém “o mérito de haver concebido, inaugurado e fundamentado as análises sintagmáticas que dizem respeito aos diferentes gêneros da literatura étnica, tais como as narrativas folclóricas (v. PROPP) e míticas (DUMÉZIL e LÉVI-STRAUSS), graças às quais se renovou a problemática do discurso literário”.

Cabe à sociosemiótica o estudo dos discursos sociais não literários: o científico, político, jurídico, jornalístico, publicitário, pedagógico, burocrático, religioso e outros.

O discurso literário é um domínio de pesquisa cujos limites parecem ter sido estabelecidos mais pela tradição que por critérios formais, objetivos. (GREIMAS; COURTÉS, ([1981], p. 168-169). Caracteriza-se como ficcional, objetiva despertar emoções, suscitar o prazer do texto, sem, contudo, constituir uma “imitação da vida”, mas *metáforas da vida* que conduzem a uma melhor compreensão dela. O elemento determinante de sua eficácia e de sua valorização é a *estética*.

3. *Tipologia dos discursos*

Para a semiótica e a linguística, a noção de discurso ultrapassa os limites do texto enunciado.

O léxico de cada língua representa o universo antropocultural de seus falantes. Segundo Andrade (2005, p. 31) “Os dados da experiência humana, classificados pelos antropólogos em biofatos (fatos do universo físico e biológico), sociofatos (fatos da vida social, estruturas sociais), mentefatos (fatos da vida psíquica, interior), manu-fatos (objetos fabricados pelo homem) compõem o universo referencial, que, para o código linguístico, corresponde ao universo antropocultural”. Pais (2005, p. 156 e 165) afirma:

A língua e seus discursos, juntamente com as semióticas não verbais, conferem a uma comunidade humana: a sua memória social; a sua

consciência histórica; a consciência de sua identidade cultural; a consciência de sua permanência no tempo. (...) Assim, cada língua, por exemplo, é um instrumento de pensar o mundo.

De modo geral, os universos de discursos podem ser classificados em dois grandes grupos: o que diz respeito à linguagem comum e o que respeita às linguagens de especialidades. Segundo Pais (1995, p. 163), “o discurso e seus universos não formam compartimentos estanques, interferindo incessantemente uns sobre os outros”. Contudo, entre os universos de discursos da língua comum e das línguas de especialidades, podem-se estabelecer algumas distinções: Lerat (1995 p. 62, 185 e 17) ensina que a língua de especialidade é uma língua escrita e que a Terminologia é por excelência o material distintivo do texto especializado. Entende-se por língua de especialidade um subsistema linguístico, que utiliza uma Terminologia e outros meios linguísticos visando a não ambiguidade da comunicação num domínio particular. A linguagem especializada é, antes de tudo, uma *linguagem* em situação de emprego científico ou profissional e sua maior função é transmitir conhecimentos. O léxico comum tem como funções básicas a emotiva, a conativa, fática, poética etc., enquanto a função básica da língua de especialidade é a referencial. As situações comunicativas do léxico comum são menos formais, enquanto as das línguas de especialidades são mais formais. Rondeau (1984) explica que o conjunto de palavras e expressões que não se refiram, no contexto em que são empregadas, a uma atividade especializada, pertence ao léxico da língua comum; as línguas de especialidades, ao contrário, caracterizam-se pelas relações de seus *termos* com uma área ou atividade específica.

4. *A unidade lexical*

A referência a *termos* vem a propósito, para que se observe que o vocabulário geral da língua tem o *lexema* ou vocábulo como unidade do discurso; as linguagens especializadas têm como unidade padrão o *termo*. Cabré (1993, p. 169) diz que “os termos são a unidade base da Terminologia, designam os conceitos próprios de cada disciplina especializada”. São muito tênues as fronteiras que delimitam termo e lexema, uma vez que há palavras (lexemas) que fazem parte do léxico comum, tais sejam: *acidente, caráter, função, solu-*

ção etc. que, ao ingressarem no vocabulário de uma linguagem específica (geografia, biologia, química etc.) perdem seu caráter polissêmico, transformam-se em termos e seus significados são reduzidos a um único, naquele contexto. Portanto, o vocabulário das linguagens comuns constitui-se de *lexemas* ou *vocábulos*, enquanto o das linguagens especializadas constitui-se de *termos*. Na verdade, toda unidade lexical é plurifuncional no nível do sistema e monofuncional no nível de uma norma ou falar concreto.

Galisson ([1978]) distingue vocabulário comum, compartilhado por todos os membros de uma comunidade linguística do vocabulário especializado, que, afinal, provém do léxico geral da língua. Barbosa (1998, p. 40) esclarece: “uma unidade lexical não é termo ou vocábulo em si mesma, mas, ao contrário, está em função ‘termo’ ou em função ‘vocábulo’ ou seja, o universo de discurso em que se insere determina seu estatuto, em cada caso”.

5. *Terminologização X vocabularização*

Assim como não existem fronteiras rígidas entre linguagens comuns e linguagens de especialidades, não se pode rotular um vocábulo como “termo” ou “lexema”, dado que todas as unidades lexicais provêm do inventário geral do léxico da língua. Tal característica origina dois fatos linguísticos: *terminologização* e *vocabularização*. O primeiro fato ocorre quando um vocábulo da língua comum ingressa no vocabulário de uma língua de especialidade, p. ex. o vocábulo *martelo* transforma-se em termo na linguagem da anatomia; no segundo caso, vocabularização, apresenta-se como a transformação de um termo em vocábulo, ou seja, um termo do vocabulário especializado, como p.ex. *neurastenia* (*neurastênico*) passa a integrar o vocabulário da linguagem comum. Isto significa que, considerando-se que são tênues os limites entre linguagens comuns e linguagens de especialidades, observa-se que na relação inter-universos pode ocorrer a transposição de um termo para o léxico comum ou a migração de um lexema para um vocabulário especializado. Como foi dito, no primeiro caso, tem-se a *lexicalização* ou vocabularização, ou seja, a transformação de um termo em vocábulo; no segundo, ocorre a *terminologização*, transformação de vocábulo em termo. Segundo Barbosa (1998, p. 30) trata-se de “normas de um sistema linguístico,

uma relação horizontal intrassistema de significação e interuniverso de discurso”.

6. *Os discursos etnoliterários*

Os discursos etnoliterários compreendem a literatura oral, a literatura popular, incluindo a literatura de cordel, os contos, fábulas, histórias e anedotas etc., que passam de uma geração a outra por meio da tradição oral, que preserva o sistema de valores de uma comunidade humana, o sistema de crenças, o imaginário coletivo, o saber compartilhado sobre o mundo, em outras palavras, a etnoliteratura é o método de análise do discurso literário como fonte de conhecimento no estudo da diversidade cultural. "Têm os seus textos importantes funções culturais e estéticas, didática e mítica, assemelham-se, em muitos aspectos, ao *mythos* da antiga cultura grega". Pais e Barbosa (2004, p. 79).

Conceituando bem claramente os universos de discursos sociais não literários e os universos de discursos etnoliterários Pais (1993, p. 454-521) afirma: “os universos de discursos sociais não literários, sempre produzidos por grupos ou segmentos sociais que, através deles se sustentam, caracterizam-se por estruturas de poder próprias, mecanismos de argumentação / veridicção específicos, processos de manipulação peculiares, relações intersubjetivas e espaço-temporais de enunciação e enunciado”. Sobre os universos de discursos etnoliterários, Pais e Barbosa (2003, p. 257) assim se manifestam: “Neles se encontram narrativas que por certo não ocorreram ou, pelo menos, não teriam acontecido nos termos em que são explicitados. Falta-lhes, numa primeira leitura, a verossimilhança. Seus autores não são conhecidos ou, se há nomes, não podem ser atestados. O sujeito-enunciador é comumente apagado ou substituído por um ente imaginário ou virtual. As marcas de tempo e espaço do enunciado inexistem ou são muito vagas. Essas características produzem um efeito de sentido de atemporalidade e remetem a um espaço que é da utopia, do não lugar”.

Os textos da etnoliteratura não se classificam como *ficcionais*, no sentido estrito do termo, por falta de verossimilhança. De certa forma poderiam ser considerados ficcionais, por serem (ou parece-

rem) os eventos narrados inverossímeis, se analisados denotativamente e não corresponderem a fatos historicamente comprovados. Desse modo, aproximam-se da *fábula*. Não se classificam, também, como *documentais*, porque não contam fatos históricos comprovados. Entretanto, os discursos etnoliterários assumem o importante papel de sustentar, conservar, atualizar e transmitir aspectos relevantes de um saber compartilhado, nas comunidades socioculturais em que são produzidos preservados e manifestados, dando aos seus membros o sentimento de pertencer à comunidade em questão. Pais e Barbosa lembram que

Os textos etnoliterários são preservados ao longo dos séculos pela *memória coletiva* das comunidades e transmitidos de uma geração a outra pelas populações. Fazem parte da *tradição popular*, ou guardadas na memória, ou registradas em publicações artesanais, logo em seguida, transmitidos oralmente. (...) Nesse sentido, constituem *documentos* altamente significativos, reveladores de uma cultura e do seu processo histórico. (PAIS; BARBOSA, 2003, p. 258)

Os discursos sociais não literários têm um estatuto sociossemiótico conferido pela sociedade, que os caracteriza como *documentais x não ficcionais*, de acordo com o seu modo de existência e produção socialmente aceitos. (...) No tocante aos discursos etnoliterários, verifica-se que sua produção se sustenta em combinações de modalidades complexas distintas. Ocupam-se, tais discursos, dentre outros aspectos, de sistema de valores, que por sua vez determinam pensamentos e condutas, formas de ver o mundo e o ser humano, comportamentos recomendáveis ou condenáveis, no fazer social. (...) Enquanto alguns universos de discursos sociais não literários, como o científico e o tecnológico pretendem apoiar-se, eminentemente na *racionalidade* os discursos etnoliterários sustentam-se, sobretudo, na *afetividade*, na *sensibilidade* e na *historicidade*. (PAIS, 2005).

7. A unidade lexical no discurso etnoliterário

As unidades lexicais dos discursos etnoliterários apresentam características específicas: são vocábulos metassemióticos, considerados *quase termos técnicos*, porque pertencem a uma linguagem especial. Seus sememas, porém, não correspondem nem aos sememas da linguagem comum, nem aos das linguagens científicas.

Observa-se uma tensão dialética *vocábulo X termo*, nas unidades lexicais etnoliterárias. Essas unidades léxicas reúnem qualidades das linguagens de especialidades e da linguagem literária, con-

servando um valor semântico social, ao mesmo tempo permanecendo como documentos do processo histórico de uma cultura.

Pode-se dizer que as unidades lexicais dos discursos etnoliterários apresentam um significado muito especializado, *específico desse universo de discurso*. Essas unidades lexicais, portanto, acumulam características das linguagens de especialidades e da linguagem literária. No nível da Norma e do falar concreto a unidade lexical do discurso literário assume as duas *funções*: *vocábulo* e *termo*.

Trata-se de um *vocábulo*, nos seus aspectos referenciais, pragmáticos e simbólicos, em função semiótica, metassemiótica ou metametassemiótica e é um *termo*, na medida em que a unidade léxica em questão tem características de uma linguagem de especialidade. (PAIS; BARBOSA, 2004, p. 92).

Certos universos de discurso suportam relações intertextuais e interdiscursivas que *admitem uma abordagem transdisciplinar*; outros há, no entanto, em que as relações intertextuais e interdiscursivas, por sua natureza, *impõem um tratamento transdisciplinar*. (BARBOSA, 2004).

8. Conclusão

Tomando-se em consideração a argumentação apresentada, pode-se chegar às seguintes conclusões:

- ❖ O léxico geral da língua abriga inúmeras variedades de linguagens, destacando-se a dicotomia *linguagem comum* e *linguagem especializada*; a primeira diz respeito ao uso geral de todos os falantes, enquanto as linguagens especializadas constituem um conjunto de subcódigos, parcialmente coincidentes com os códigos e subcódigos da linguagem comum;
- ❖ A variedade dos tipos de linguagem corresponde às finalidades específicas das diversas situações de comunicação;
- ❖ Na área das linguagens especializadas, a significação de um termo muda, conforme o tipo de terminologia na qual é empregado;
- ❖ Sabendo-se que a palavra pode assumir o estatuto de *vocábulo* e/ou de *termo*, cumpre observar: a palavra é um símbolo linguístico que admite plurissignificação; o termo, além de seu caráter

- monossemêmico, pertence a determinado sistema de conceitos e apresenta um grau de precisão muito mais elevado;
- ❖ O discurso etnoliterário *não* pode ser considerado como integrante das chamadas linguagens especializadas, pois não apresenta características de cientificidade e outras, que permitam defini-lo como tal;
 - ❖ O discurso etnoliterário *não* se restringe aos parâmetros da chamada *linguagem comum*, pois extrapola seus limites, contudo se não se insere nas chamadas linguagens especializadas;
 - ❖ O discurso etnoliterário constitui um tipo de *linguagem específica*: não se enquadra no rol das linguagens especializadas, porém, ultrapassa os limites da linguagem comum;
 - ❖ Dadas essas características, conclui-se que a unidade lexical do discurso literário acumula o estatuto de *termo* e de *vocábulo*, ou seja, tanto pode ser *termo* como *vocábulo*, dependendo das circunstâncias e do tipo de universo de discurso no qual se insere.

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, M. M de. O léxico e os valores da cultura. *Revista Brasileira de Linguística*, v. 13, n. 1, p. 25-36. São Paulo: Terceira Margem; SBPL, 2005.

_____. Da constituição da terminologia técnico-científica: lexicalização e terminologização. In: *Anais do XV Encontro Nacional da ANPOLL*. Niterói, 4 a 7 jul 2000.

_____. Sobre a normalização terminológica: banalização / vulgarização. *Revista Brasileira de Linguística*, São Paulo: Plêiade; SBPL, v. 10, n. 1, p. 7-27, 1999.

_____. Conceitos /Denominações nas línguas de especialidades e na língua geral. *Acta Semiotica et Lingvistica*. São Paulo: Plêiade; SBPL, v. 7, p. 9-24, 1988.

AROCHA, Jaime. Etnografia iconográfica entre grupos negros. In: FRIEDEMANN, Nina S. *Criole Criole son*. Bogotá: Planeta, 1989.

BARBOSA, Maria Aparecida. Pesquisas em etnoterminologia: natureza e funções das unidades lexicais na Literatura de Cordel. *Revista Brasileira de Linguística*. São Paulo: UBC; /SBPL, v. 15, p. 23-33, 2007.

_____. Riqueza e diversidade lexical das etnias. *Anais da 59ª. Reunião anual da SBPC*, Belém-PA, SBPC; UFPA, 2007, v. 1, p. 1.

_____. Os discursos etnoliterários: etnoterminologia, léxico e axiologia. *XXI Jornada Nacional de Estudos Linguísticos*. UFPB. João Pessoa: GELNE; IDEIA, 2006, p. 1-3.

_____. Para uma etnoterminologia: recortes epistemológicos. *Ciência e Cultura*, n. 2, p. 48-51. São Paulo: SBPC, 2006.

_____. O engendramento de conceitos em linguagens de especialidade, em discursos literários e em discursos sociais não literários. *Revista Philologus*. Rio de Janeiro: UERJ, v. 8, p. 32-43, 2002.

_____. Terminologização, vocabularização, cientificidade, banalização: relações. *Acta Semiotica et Linguistica*. São Paulo: Plêiade; SBPL, v. 7, p. 25-44, 1998.

CABRÉ, M. T. *La Terminología: teoría, metodología, aplicaciones*. Barcelona: Antártida/Empuries, 1993.

DUBOIS, Jean et alii. *Dicionário de Linguística*. Tradução de Frederico Pessoa de Barros et alii. Direção e coordenação geral da tradução: Prof. Dr. Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix [1978].

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio século XXI: o dicionário de língua portuguesa*. 3. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

GALLISSON, Robert. *Recherches de lexicologie descriptive: la banalisation lexicale*. Contribution aux recherches sur les langues techniques. Paris: Nathan, 1978.

GREIMAS, A. J. O contrato da veridicção. Tradução de Cidmar Teodoro Pais. *Acta Semiotica et Linguistica*. São Paulo: SBPL; Global, v. 2, n.1, p. 211-221, 1978.

_____. *Semiótica do discurso científico. Da modalidade*. Prefácio e Tradução de Cidmar Teodoro Pais. São Paulo: DIFEL; SBPL, 1976.

_____; COURTÉS, J. *Dicionário de semiótica*. Tradução de Alceu dias Lima et alii. São Paulo: Cultrix, [1981].

GUILBERT, Louis. *Le lexique: Langue Française*. Paris: Larousse, mai 1969.

HJELMSLEV, Louis. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 1975.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva/Instituto Antônio Houaiss, 2001.

LERAT, Pierre. *Les langues spécialisées*. Paris: PUF, 1995.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Raça e história. *Antropologia estrutural II*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1976.

PAIS, Cidmar Teodoro. Semiótica das culturas: valores e saberes compartilhados. *Revista Brasileira de Linguística*, v. 13, n. 1, p. 155-172, 2005.

_____. Os discursos etnoliterários, a função mítica e os valores da cultura. In: *Anais do Congresso Internacional de Literatura de Cordel*, Simpósio: Tradição oral, literatura popular, etnoliteratura. UFPB, João Pessoa, out 2005.

_____. Texto, discurso e universo de discurso. *Revista Brasileira de linguística*. São Paulo: Plêiade; SBPL, v. 8, n. 1, p. 135-164, 1995.

_____. *Conditions sémantico-syntaxique et sémiotiques de la production systémique lexicale et discursive*, 1993, 764 p. Thèse de doctorat d'Etat (Lettres et Sciences Humaines). Lille: Université de Paris IV: Atelier National de Réproduction des Thèses, 1993.

_____. Aspectos de uma tipologia dos universos de discurso. *Revista Brasileira de Linguística*. São Paulo: Global; SBPL, v. 7, n. 1, p. 43-65, 1984.

_____; BARBOSA, Maria Aparecida. Da análise de aspectos semânticos e lexicais dos discursos etnoliterários à proposição de uma etnoterminologia. *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 16, p. 79-100, 2004.

_____; _____. Tradição oral, literatura popular e discursos etnoliterários: aspectos semióticos e lexicais da construção do imaginário coletivo. *Revista Brasileira de Linguística*, v. 12, p. 255-270, 2003.

PICOCHÉ, J. *Précis de lexicologie française*. Paris: Nathan, 1977.

RONDEAU, G. *Introduction à la terminologie*. 2. ed. Quebec: Gaëtan Morin, 1984, p. 91-119.

SANDE, Paula Morgado. O que realizamos: pontos de partida, algumas perspectivas teóricas e metodológicas. Disponível em <http://www.ielt.org.página/artigos>. Acesso em 25-04-2010.